



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

**SERÁ DO GÉNERO DOS FILHOS OU DOS PAIS? ESTUDO SOBRE O
EFEITO DO GÉNERO DAS CRIANÇAS E DOS PAIS NA QUALIDADE
DA INTERAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ATIVIDADE CONJUNTA**

Dissertação apresentada na Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do
grau de Mestre em Ciências da Educação

Especialidade Intervenção Precoce

Isabel Maria dos Santos Justo Fernandes

2015



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

**SERÁ DO GÉNERO DOS FILHOS OU DOS PAIS? ESTUDO SOBRE O
EFEITO DO GÉNERO DAS CRIANÇAS E DOS PAIS NA QUALIDADE
DA INTERAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ATIVIDADE CONJUNTA**

Dissertação apresentada na Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do
grau de Mestre em Ciências da Educação

Especialidade Intervenção Precoce

Isabel Maria dos Santos Justo Fernandes

Orientadora: Professora Doutora Marina Fuertes

2015

*“A criança modela-se. Ajuda-a a modelar-se oferecendo-lhe tudo quanto tenhas de mais autêntico dentro de ti. Oferece-te a ti próprio como modelo. Faz de modelo, não só com o teu corpo de Homem, mas também com o que resta da tua espontaneidade infantil para o **Amor**. Homens capazes de **Amor** são aqueles que foram crianças ou que se reconciliaram com a criança que foram. Se amas a criança que em ti existe, então podes amar **as crianças**.”*

João dos Santos

AGRADECIMENTOS

O retorno aos estudos com o ingresso no Mestrado em Intervenção Precoce simboliza para mim uma etapa muito importante quanto à minha realização e crescimento pessoal que se irá refletir em todas as vertentes da minha vida. Do mesmo modo, todo este percurso afetou e foi afetado por pessoas que já faziam parte da minha história, assim como outras que a ela se juntaram durante este marcante episódio.

Começo por agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Marina Fuertes. Pela emoção com que nos recebeu desde o primeiro dia; pelo entusiasmo com que nos contagia motivando-nos para as tarefas mais difíceis; por acreditar que nunca se deve desistir; por nos ensinar a importância do silêncio; pela sua capacidade de ouvir de verdade; pela sua incapacidade de se zangar! Pela sua generosidade na partilha e posso arriscar dizer, pela sua amizade!

Agradeço também à Professora Doutora Otília Sousa pela sua parceria na orientação deste trabalho, pelas suas reflexões, inquietações e contribuições, pela sua disponibilidade e bom humor.

Às Professoras Clárisse Nunes e Dalila Carmo, pela simpatia, cuidado e disponibilidade ao longo de todo este processo.

Um agradecimento também ao “grupo de cotação” e “discussão”: i) aos “rapazes” Tiago Osório, Professor Mário Relvas e em especial aos “inquietos” Filipe Brás Pinto e Miguel Branco, mais próximos na discussão e que se deixaram render ao nosso ritual de “discutir” petiscando! ii) às “meninas” Ana Ladeiras e Catarina Veloso que se juntaram a nós nesta aventura, trazendo uma substancial dose de “sensibilidade materna”!! E.... Obviamente às duas colegas com quem construí uma fantástica amizade, Andreia Ferreira e Isabel Barroso. À Andreia pela sensibilidade escondida por trás da sua irreverência, pela sua bravura, pelo bom humor e pelo mau humor também, mas acima de tudo pela sua VERDADE! Bem hajjas! À Isabel pelo infindável companheirismo, pela paciência...., pela sua calma e maturidade que tantas vezes permitiram ver a luz que parecia por vezes tão distante, a minha querida “Dupont”!

À Maria Lúcio pela motivação, pelas nossas partilhas, pelos nossos almoços onde cuidamos e “alimentamos” esta grande amizade que nasceu de um encontro profissional num contexto repleto de necessidade de Intervenção Precoce.

Às minhas queridas “selfies”, Mafalda Aparício, Paula Carrilho e Paula Ramos pela sua AMIZADE onde a minha “ausência” tem lugar porque não significa afastamento, foi apenas um rosto já! Agora que terminei esta etapa, voltem de lá as

nossas datas festivas com os seus petiscos, gargalhadas e tanta “discussão”, quase científica!

Aos meus pais, por mesmo de longe me apoiarem e motivarem sempre nesta eterna paixão de “andar na escola”.

À D. Rosa por todo o encorajamento em arriscar, sempre! Mas, acima de tudo pelo suporte dado à nossa dinâmica familiar, com a sua disponibilidade e carinho com que intensivamente ao longo deste percurso apoiou o meu bem mais precioso, o meu Gonçalo.

Por fim, entre stress, muito sono, alguma desorganização, invasões à cozinha que se transformou em escritório, agradeço ao Luis e ao Gonçalo, o meu núcleo duro, o meu porto seguro, pela vossa motivação para avançar, pelo incondicional apoio em todo este percurso onde, por “inerência de funções”, sofreram os abalos das curvas e das contra curvas deste caminho.

ÍNDICE GERAL

Resumo.....	6
Abstract.....	7
Introdução.....	8
Enquadramento.....	11
Pais e mães como figuras afetivas.....	11
A comunicação dos pais na zona próxima de desenvolvimento.....	13
O Estudo alemão TANDEM sobre o comportamento de educadores e de educadoras... ..	15
Presente Estudo.....	16
Objetivos de Estudo.....	17
Métodos.....	18
Procedimentos.....	18
Participantes.....	19
Cotação e aferição de dados.....	20
Análise dos dados.....	24
Resultados.....	25
Discussão dos resultados.....	31
Limitações e sugestões para futuros estudos.....	34
Referências Bibliográficas.....	36

Será do género dos filhos ou dos Pais? Estudo sobre o efeito do género das crianças e dos Pais na qualidade da interação, comunicação e atividade conjunta

Resumo:

A investigação, realizada nos contextos de vida, tende a descrever os pais (do género masculino) como parceiros de jogo que favorecem a liberdade de ação e as brincadeiras físicas; enquanto as mães, mais dedicadas à prestação de cuidados, reforçam a comunicação nas interações, envolvendo afetivamente a criança. Nos casos em que os papéis tradicionais são desafiados (i.e., quando as mães brincam e os pais prestam cuidados básicos à criança) a qualidade da interação mãe-filho(a) e pai-filho(a) aumenta consideravelmente. Neste estudo, pais e mães são observados independentemente na mesma situação experimental como parceiros da criança numa atividade lúdica de construção, tendo-se analisado a qualidade interativa e comunicativa das díades. Para o efeito, foi pedido a 19 díades mãe-filho(a) e 17 díades pai-filho(a) que realizassem, em 20 minutos, um produto à sua escolha com os materiais e ferramentas disponibilizados. As crianças tinham entre 3 e 5 anos, sem problemas de desenvolvimento. Pretendia-se: i) comparar a qualidade interativa dos Pais quanto à empatia, atenção, reciprocidade, cooperação, elaboração/fantasia e desafio proposto; ii) a qualidade da comunicação; e iii) descrever e comparar os produtos realizados pelas díades mãe-filho(a) e pai-filho(a), bem como as escolhas de materiais. Os resultados indicam diferenças na atuação dos pais comparativamente às mães. Adicionalmente, os Pais (i.e., mães e pais considerados em conjunto) interagem e comunicam de modo distinto com meninas e meninos. As variáveis demográficas, sobretudo a escolaridade dos Pais, estão correlacionadas com os resultados. Os nossos dados associam-se a um corpo de conhecimento que identifica diferenças nos papéis parentais.

Palavras chave: *Interação pais-filhos; afetividade; comunicação verbal; intersubjetividade partilhada; género.*

How much is child or parents' gender? Contributes of child and parents' gender in the adult interactive and communicative behaviour and in the shared activity

Abstract:

The previous research performed in children life contexts tend to describe fathers as non-directive playmates who promote physical games; while mothers, more dedicated to care activities, reinforce the communication during interactions and involve affectively the child. In the situations where traditional roles are challenged (e.g., when mothers are playmates and fathers give basic care to their child) the quality of the interaction of mother-infant and father-infant increases considerably. In this study, fathers and mothers were observed independently in the same semi-experimental play situation with their children. In this situation, the quality of interactions and adult-child communication were observed. For this purpose, 19 dyads mother-infant and 17 dyads father-infant participated in this 20 minutes experience, to manufacture one product using the materials and tools available to one's choice. Children were between 3 and 5 years old and had no developmental problems. We aimed to: i) compare the interactive quality of parents related to empathy, reciprocity, cooperation, fantasy and challenge; ii) the communication quality and iii) describe and compare the products made by the dyads mother-infant and father-infant, as well as the chosen materials. The results indicate differences mothers and fathers behaviour toward their children. Additionally, parents interact and communicate in a distinct way with boys and girls. The demographic variables, especially the parents' education affected the results. Our data are associated to a body of knowledge that identifies differences in parental roles.

Key words: *Parent-child interaction; affectivity; verbal communication; shared inter-subjectivity; gender*

INTRODUÇÃO

A presente tese inclui-se no projeto de investigação “*Tandem: Contributos do género para a interação e comunicação dos pais e dos educadores com a criança em idade pré-escolar*”, financiado e sediado no Centro de Estudos Interdisciplinares da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa e coordenado pela Professora Doutora Marina Fuentres. A equipa do projeto é composta pelos docentes Marina Fuentres, Otilia Sousa, Mário Relvas e pelos estudantes Ana Ladeiras, Andreia Ferreira, Catarina Veloso, Filipe Brás Pinto, Isabel Barroso, Isabel Fernandes, Miguel Branco e Tiago Osório.

Este projeto teve início com um acordo de cooperação institucional na área da formação e da investigação no âmbito do programa Erasmus entre a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa e a Evangelische Hochschule (Protestant University of Applied Sciences for Social Work, Education and Nursing), de Dresden, na Alemanha. Os parceiros Tandem da equipa alemã são Holger Brandes, Markus Andrä, Wenke Röseler & Petra Schneider-Andrich e deram início ao projeto TANDEM “Does gender make a difference” em 2011. A equipa portuguesa foi convidada a participar neste estudo sobre o impacto do género no comportamento dos educadores em 2013. Naturalmente, adaptando o estudo ao contexto português. Nesse sentido, participamos em vários fóruns de reflexão sobre os resultados e quadro conceptual da investigação com educadores e educadoras bem como fomos treinados pela equipa alemã no uso das medidas usadas no estudo (que não devem ser usadas sem o devido treino).

Tendo como pano de fundo, um robusto corpo de conhecimento que indica que para além de fatores biológicos, as oportunidades, as expectativas sociais e os papéis atribuídos às meninas e aos meninos condicionam os seus comportamentos e percursos (Calmbach, M., Cremers, M., Krabel, J., 2010) O estudo alemão centrava-se, essencialmente, no comportamento de educadores e educadoras. Contudo, a este estudo decidiu-se juntar a experiência da equipa portuguesa no estudo com os pais (e.g., Fuentres et al., 2006, 2008, 2009) e sobre a comunicação de adultos com a criança (Alves, Fuentres, & Sousa, 2014).

Assim, baseado no estudo alemão TANDEM “Does gender make a difference?” (Brandes, Andra, Roseler, & Schneider-Andrich, 2012), a presente investigação pretende estudar o contributo dos ¹Pais e dos Educadores para a diferenciação de género na criança entre os 3 e os 5 anos. Para o efeito, a interação e a comunicação

¹Ao longo do estudo, por uma questão de clareza, usaremos **Pais** escrito com letra maiúscula quando se referem pai e mãe, e **pai/pais** com letra minúscula quando se refere a pai, no género masculino.

dos pais, das mães, dos educadores e das educadoras são independentemente observados numa situação pedagógica quasi-experimental. Nesta situação os participantes (crianças e adultos) realizam escolhas sobre materiais e ferramentas a usar bem como sobre os tipos de produtos a realizar num período de tempo pré-definido. O estilo interativo, empatia, desafio, cooperação, comunicação e diretividade são objetos de análise.

Integraram este estudo como estudantes de mestrado, Andreia Ferreira, Catarina Veloso, Isabel Barroso e Isabel Fernandes que respetivamente recolheram 4 tipos de amostras: i) *amostra de educadoras* – composta por 11 educadoras (11 meninas e 11 meninos de 3 anos); ii) *amostra de educadores* – composta por 10 educadores (10 meninos e 10 meninas de 3 anos); iii) *amostra de mães* – composta por 19 mães e 19 crianças (8 meninas, 11 meninos, de idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos); iv) *amostra de pais* – composta por 17 pais e 17 crianças (8 meninas e 9 meninos de idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos).

Deste trabalho de equipa com igual participação de cada estudante, surgem 4 estudos:

i) *Estudo sobre as diferenças interativas e comunicativas de educadores e educadoras com crianças em idade pré escolar*, realizado por Andreia Ferreira;

ii) *Estudo sobre as diferenças interativas e comunicativas dos educadores e dos pais com crianças em idade pré escolar*, realizado por Catarina Veloso;

iii) *Estudo sobre as diferenças interativas e comunicativas das educadoras e das mães com crianças em idade pré escolar*, realizado por Isabel Barroso;

iv) *Será do género dos filhos ou dos Pais? Estudo sobre o efeito do género das crianças e dos pais na qualidade da interação, comunicação e atividade conjunta*, realizado por Isabel Fernandes. Nestes estudos pretende-se comparar o comportamento dos adultos no que respeita à qualidade interativa, à qualidade da comunicação e também descrever e comparar os produtos realizados pelas díades, bem como a escolha dos materiais.

A restante equipa colaborou cotando os casos dado que se tratava de 78 observações que exigiam a presença de pelo menos 5 cotadores (2 do género feminino, 2 género masculino, e um cotador para obter e mediar o consenso). Com efeito, as cotações foram realizadas por acordo em conferência, cada cotador, após a observação dos vídeos, pontuava individualmente os casos; depois de aferidas todas as cotações, discutia-se a pontuação consensual dos 20 itens. Este trabalho de cotação durou aproximadamente 4 meses, perfazendo mais de 120 horas de trabalho conjunto. Adicionalmente, cada estudante de mestrado analisou os produtos

resultantes das atividades, segundo os critérios estabelecidos originalmente no estudo Tandem, tendo sido considerados o tipo de figuração e o número de componentes. Foram também contabilizados o número de materiais e ferramentas utilizados na atividade.

Cada estudante de mestrado, analisou os seus resultados com a orientadora Marina Fuertes. Estes resultados foram posteriormente analisados em reunião de equipa onde foram discutidos cientificamente, sublinha-se o contributo da Professora Otília Sousa especialista nas questões da comunicação. Finalmente, cada estudante de mestrado redigiu a sua tese. Considera-se que ao longo deste percurso cada estudante, teve oportunidade de vivenciar o processo científico e participação numa equipa de investigação. Adicionalmente, as estudantes submeteram uma versão preliminar dos resultados à conferência SIG que decorreu em Barcelona no dia 7 de Setembro de 2015. Tendo também tido a experiência de discussão dos seus resultados com os seus pares internacionais bem como, a oportunidade de apresentar o trabalho para um público mais geral na 25ª Conferência EECERA entre os dias 7 e 10 de Setembro de 2015, em Barcelona.

A presente tese que corresponde ao estudo sobre as diferenças interativas e comunicativas de pais e mães com crianças em idade pré-escolar, encontra-se organizada sob a forma de artigo que deverá, depois de discutida em provas públicas, ser submetida a uma revista nacional indexada a bases de dados.

A tese inclui um artigo com resumo em português, resumo em inglês, breve enquadramento teórico, objetivos, métodos, apresentação de resultados, discussão dos resultados, referências bibliográficas.

Enquadramento

Pais e mães como figuras afetivas

As figuras parentais ganharam interesse científico quando se observaram e comprovaram os efeitos nefastos para a saúde mental da sua perda ou ausência prolongada na infância (Fuertes et al, 2009). Bowlby (1969) postulou que as figuras de vinculação (geralmente os Pais) oferecem proteção em situação de perigo gerando a ativação do sistema de vinculação, permitindo à criança a procura de proximidade e/ou conforto junto da figura de vinculação, isto é, na ausência de condições alarmantes as figuras de vinculação são uma base segura para a exploração do mundo que a rodeia. Trata-se de uma dimensão vetorizada segundo a direção do movimento da criança que a afasta (sistema exploratório) ou a faz voltar (sistema de vigilância) à sua base de segurança (Guedeney, 2002). O mero estabelecimento de cuidados básicos não constitui base para a organização da vinculação que consiste, simultaneamente, numa relação afetiva e numa relação de segurança - alicerce que possibilita à criança a aquisição de conhecimentos e aprendizagem através da exploração (Ainsworth, 1978).

Os estudos da vinculação têm privilegiado a figura materna como alvo de estudo na área da vinculação porque, de um modo geral, as mães são mais colaborantes e disponíveis para a investigação científica e porque Bowlby começou por personificar na mãe a sua proposta para a teoria da vinculação (Bowlby, 1969/1982). Não obstante, os dados empíricos indicam claramente que os pais (i.e., pais do género masculino) são figuras de vinculação, tal como as mães, que podem estabelecer relações seguras com os filhos e as filhas. Todavia, os índices de vinculação segura são mais baixos nas díades pai-filho do que mãe-filho (revisão em Faria, Fuertes & Lopes dos Santos, 2014). As causas desta tendência ainda estão por clarificar.

Quando se analisam os antecedentes da vinculação, a sensibilidade dos Pais é o fator com maior peso explicativo. Ainsworth e colegas definiram a sensibilidade como a capacidade do adulto “(...) *to perceive and to interpret accurately the signals and communications implicit in her infant’s behavior, and given this understanding, to respond to them appropriately and promptly*” (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1974, p. 127). Ainda, segundo os autores a sensibilidade comporta quatro aspetos fundamentais: (i) capacidade para perceber os sinais exteriorizados pela criança; (ii) capacidade para os interpretar corretamente; (iii) adequação das respostas dadas; (iv) prontidão dessas mesmas respostas. A literatura indica que, em média, a sensibilidade materna é superior à paterna (Volling, McElwain, Notaro, & Herrera, 2002).

No entanto, a sensibilidade dos Pais é um preditor com moderado impacto na vinculação mãe-filho(a) ($r=.24$) e com baixo a moderado peso na vinculação pai-filho(a) ($r=.13$). Por outras palavras, a sensibilidade perde alguma importância na vinculação pai-filho(a) e não será o único determinante da qualidade da vinculação.

No âmbito dos estudos da sensibilidade, as mães têm sido descritas como mais sensíveis e afetivas do que os pais, ou, as mães expressam mais diretamente essa afetividade à criança (Faria et al. 2014). Os pais apresentam respostas indiretas como olhar de anuência ou o sorriso dirigido ou indireto quando a criança exhibe comportamentos positivos, as mães recorrem a afetos físicos diretos e a reforços positivos (Alves, Sousa & Fuertes, 2014). Mais do que uma questão de quantidade, parece ser uma questão de qualidade. Alguns autores questionam a acuidade das escalas de sensibilidade quando são geradas a partir de descritores extraídos da observação mãe-filho (Fuertes, Faria, Beeghly & Lopes dos Santos, 2015), o que poderia também explicar o menor impacto nos pais. Ou esse fator é menos importante na relação pais-filhos(a) ou a sensibilidade dos pais é distinta das mães e não precisa de ser idêntica para contribuir para a relação com os filhos(as).

Outros autores levantam questões acerca de como será que o tempo passado com a criança e a dedicação a tarefas de cuidados podem ser críticas para a qualidade da relação mãe-filho(a) e pai-filho(a)? Seria de prever que, se na maioria das culturas, as mães passam mais tempo com os filhos(as) e estão mais dedicadas aos cuidados básicos dos que os pais, poderia ser, então essa a explicação para a prevalência da vinculação segura. As mães acabariam por conhecer melhor e afiliar-se mais à criança nesse tempo passado com ela, daí que possam responder com melhor qualidade às suas necessidades. Como a vinculação é diádica previsivelmente a criança acabaria por nutrir os mesmos sentimentos pela mãe. Neste processo recíproco, a sintonia e a adaptação diádica seriam maiores. Contudo, a pesquisa parece indicar que o tempo passado com a criança não é preditor da vinculação mas antes, a forma como é ocupado (Faria, Lopes-dos-Santos, Beeghly, & Fuertes, 2015). Num estudo realizado em Portugal verificou-se que nas díades em que as mães se dedicavam mais a atividades de jogo e de lazer (e menos aos cuidados básicos) com os filhos o índice de vinculação segura era superior (Fuertes et al., 2015). Do lado dos pais, quanto mais dedicados aos cuidados básicos maior a probabilidade de vinculação segura. Estes resultados não são mediados pela profissão dos pais, número de horas de trabalho diário ou desemprego. Assim, parece existir uma relação estreita mas por deslindar entre cuidados, brincar e vinculação. Mais, esta associação de variáveis percorre caminhos distintos na relação mãe-filho(a) e pai-filho(a).

Sabendo que as figuras de vinculação são figuras afetivas e base segura para a exploração, a investigação dedicou-se a descrever os papéis desempenhados pelos pais e pelas mães nessas duas grandes dimensões. Neste âmbito, os dados parecem indicar que pais e mães desempenham papéis diferentes mas complementares na relação e na educação da criança (Faria, et al., 2014). Os pais têm sido descritos como parceiros de jogo que introduzem brincadeiras físicas e ativas (Clarke-Stewart, 1978; Crawley & Sherrod, 1984; Lamb, 1977), dando autonomia à criança e aceitando as suas iniciativas com menor diretividade (Alves, Fuertes & Sousa, 2014). As mães parecem falar mais e reforçar mais a linguagem da criança e também mais diretivas e organizadoras do espaço. Deste modo, com diferentes adultos as crianças parecem ter diferentes oportunidades de relacionamento e de aquisição de competências (Meltzoff, 1999). O ganho parece estar aqui!

Indissociáveis das diferenças relativamente às emoções sentidas pelos pais e pelas mães na sua condição parental, parecem existir também diferenças no modo como os Pais interagem com os filhos e as filhas (Faria, et al., 2014). Segundo Snow e colegas (1983), os pais encorajam mais os filhos a participar em brincadeiras masculinas e as filhas em brincadeiras femininas. Por seu lado, as mães tendem a tratar igualitariamente os filhos e as filhas.

Em suma, de um modo geral, pais e mães interagem, brincam e acarinham de formas distintas com os filhos. Os resultados também indicam que os pais e as mães têm diferentes impactos no desenvolvimento da criança. As interações de qualidade com as mães estão associadas a maiores ganhos na área da comunicação e socialização e dos pais no domínio cognitivo (e.g., Bus, & van IJzendoorn, 1988; Greenberg, Speltz, & Deklyen, 1993). Contudo, os papéis maternos e paternos ainda carecem de estudo, especialmente no seu papel como parceiros de atividades e jogo. A forma como as realizam no dia a dia, parece afetar a qualidade da vinculação como foi anteriormente referido.

A comunicação dos Pais na zona próxima de desenvolvimento

Estudos sobre interação e linguagem apontam que a linguagem das mães tem um impacto positivo no desenvolvimento das crianças (Bruner, 1981; Santos, 1991; Snow, 1989; Snow, Burns, & Griffin, 1998). Respostas dos Pais adequadas e contingentes (contingência semântica) são preditoras de ganhos no desenvolvimento da linguagem (Landry, Smith, & Swank, 2006). Também as perguntas das mães são um importante fator de desenvolvimento da linguagem (Hoff, 2006).

Também os estilos comunicativos e o tipo de enunciados da fala dos pais são importantes na fala das crianças e no seu desenvolvimento. Quando a fala da mãe inclui muitas proibições e ordens não favorece o desenvolvimento comunicativo da criança (Hart & Risley, 1995; Hoff-Ginsberg, 1986). Já um discurso mais referencial em que em que a mãe designa ou explica o mundo à volta da criança, apresenta um input mais rico, com mais nomes e adjetivos (Tamis-LeMonda, Song, Leavell, Kahana-Kalman, & Yoshikawa, 2012). Também a nomeação de objetos, quando se brinca, permite a aprendizagem de vocabulário (martelo, pistola de cola, limpa-cachimbos, etc.) num contexto significativo e integrado, concertando vocabulário e rede conceptual. A aprendizagem de vocabulário favorece o alargamento e aprofundamento do conhecimento da criança (Hirsh-Pasek, Golinkoff, Berk, & Singer, 2009).

Assim, uma mãe que pergunta é diferente de uma mãe que afirma ou ordena. A mãe que pergunta confere à criança estatuto e espaço para refletir, agir e construir enunciados. É diferente o papel reservado à criança nos enunciados: “O que vamos fazer?” ou “Vamos fazer um boneco?”. Enquanto o primeiro convida a criança a elaborar para resolver o problema comunicando a solução; no segundo, esta seguirá a indicação do interlocutor.

Enquanto em contexto de interação a comunicação depende de certa forma do verbal mas, também dos gestos, vocalizações de crianças e pais, na comunicação face a face a compreensão é facilitada pelo contexto comunicativo e referencial. Os estilos de discurso dos pais influenciam se a criança é *referencial*, usando as suas primeiras palavras (principalmente substantivos e verbos) para se *referir* a objetos e a acontecimentos, nomeando-os e descrevendo-os, ou se é *expressiva*, usando as primeiras palavras (muitas vezes pronomes) para *expressar* rotinas sociais ou para repetir fórmulas tais como “pára” (Lieven, 1978; Nelson, 1981; Olsen-Fulero, 1982). Crianças referenciais, que aprendem novas palavras mais rapidamente do que as crianças expressivas (Clark, 1983), tendem a ser os primeiros filhos de famílias com um nível de instrução mais elevado, cujos pais encorajam a nomear, fazendo muitas perguntas à criança. Os pais das crianças expressivas utilizam mais discurso diretivo (Nelson, 1973).

Para além da qualidade, a quantidade da fala dos adultos com as crianças, sobretudo para as mais novas, é uma variável a ter em conta no seu desenvolvimento. Segundo Hart e Risley (1995), a quantidade de linguagem dirigida à criança pela mãe

é preditora da extensão de vocabulário e da velocidade de processamento da língua da criança.

Para Veneziano (2014), a conversa é um meio privilegiado de aprendizagem para a criança por possuir características que possibilitam a co construção de significação de forma contextualizada pelos interlocutores. Uma das características que a investigação aponta como proporcionando desenvolvimento é o facto de o adulto interpretar os enunciados da criança, fazendo expansões e reformulações (Santos, 1991) motivando-a a contribuir com mais enunciados relativos ao tema. Neste vai e vem de enunciados entre adulto e criança a forma é alterada, mas a significação mantém-se quase invariante. Esta característica é apontada como muito importante para a aquisição da língua. A segunda característica é o facto de as trocas conversacionais serem co construídas pelos dois interlocutores. Cada intervenção abre possibilidades para o parceiro em função do que foi dito, sendo a conversa mais do que a soma das intervenções dos dois intervenientes. Antes, é um acontecimento novo em que cada um contribui de acordo com o potencial construtivo da conversa.

As funções comunicativas dos Pais são objeto de estudo neste trabalho, tendo sido comparados os enunciados dos pais com os enunciados das mães.

O Estudo alemão TANDEM sobre o comportamento de educadores e de educadoras.

O Estudo TANDEM (Brandes et al., 2012) baseia-se nos estudos da vinculação e qualidade da interação adulto-criança e procurou comparar o comportamento dos Educadores e Educadoras com rapazes e raparigas em idade pré escolar.

O conceito TANDEM surge, associando a simbologia de uma bicicleta de dois lugares à realidade do trabalho a dois com um objetivo comum no âmbito da prática pedagógica nas salas de jardim de infância alemãs.

As conclusões preliminares do estudo TANDEM (Brandes et al., 2012) parecem indicar que não existem efeitos relevantes de género em relação às qualidades formais de comunicação e atividade dos Educadores e Educadoras nas situações individuais analisadas. Nos itens avaliados não existem diferenças significativas nos resultados obtidos pelos dois grupos estudados. Desta forma, as hipóteses de estudo que apontavam para a ideia de que as Educadoras iriam interagir de uma forma mais empática e com maior envolvimento na sua orientação da tarefa, e que a interação dos Educadores se revestiria de maior desafio e exploração, tal como observado nas díades Pais-filhos, não foram confirmadas no estudo TANDEM (Brandes et al., 2012).

Poderá ser da formação dos educadores? Por outras palavras, poderá a formação académica e treino profissional conduzir a uma menor especialização de papéis? Ou será que os Pais colocados na situação experimental também não apresentam diferenças de género (e neste caso podemos perceber se certas tarefas condicionam ou não os papéis dos pais e das mães)?

Relativamente à análise do produto final, o estudo TANDEM (Brandes et al., 2012) indica que o género das crianças mais do que o género dos adultos afeta a escolha do tipo de materiais e interesses e em consequência, o resultado do produto final. Mostra ainda (Brandes, Andra, Rosele, & Schneider-Andric, 2012) que quando se consideram as díades educador/rapaz; educador/rapariga; educadora/rapaz; educadora/rapariga, parece surgir um padrão em que, tanto as educadoras como os educadores constroem, principalmente, com os rapazes objetos e com as raparigas sujeitos.

Presente Estudo. No quadro da vinculação e do estudo Tandem (Brandes et al., 2012) emerge a presente investigação com o objetivo de observar os Pais no papel de parceiros da criança numa atividade de construção. Atividades de natureza fortemente colaborativa (como esta) raramente foram usadas na literatura da vinculação e permitem observar a sensibilidade do adulto bem como a qualidade de interação diádica perante o desafio de construir algo num tempo específico (Rabouam, 2002). Esta atividade implica a participação de ambos e constante reforço dos seus papéis (exceto se um dos participantes exceder o seu espaço de participação excluindo o outro).

Num segundo plano, o presente estudo insere-se numa linha de estudos experimentais sobre as questões de género. O género é estudado em duas dimensões ortogonais: o género da criança e o género do adulto. O género da criança pode influenciar as suas escolhas mas também as escolhas daqueles que com ela convivem. Estes dois planos cruzam-se neste estudo sobre a diferença de comportamentos (interação e comunicação) de pais e mães com seus filhos de diferentes idades (3, 4 e 5 anos), contribuindo assim para o corpo de conhecimento, ainda escasso, sobre esta diferenciação.

Por fim, ao compararmos os resultados obtidos em estudos com díades de Educadores (Barroso, 2015; Ferreira, 2015; Veloso, 2015), podemos aferir se a formação dos Educadores contribui, ou não, para a atenuação da diferenciação do género.

Objetivos de Estudo

Na continuidade do estudo TANDEM (Brandes et al., 2012), pretendemos investigar as diferenças no comportamento (interação e comunicação) das mães e dos pais com seus filhos ou filhas (em idade pré escolar), durante uma atividade lúdica de construção pré definida (em tempo e materiais).

Em primeiro lugar, pretendemos comparar os comportamentos maternos versus os comportamentos paternos (género dos Pais) no que respeita: i) à qualidade interativa dos Pais quanto à empatia, atenção, reciprocidade, cooperação, elaboração/fantasia e desafio proposto, avaliada através da escala de cotação TANDEM (Brandes et al., 2012); ii) às verbalizações dirigidas à criança durante a interação (e.g., uso de sugestões, ordens, elogios, críticas), avaliada através da tabela de comportamentos verbais; iii) aos produtos realizados pelas díades mãe-filho(a) e pai-filho(a), classificados segundo os critérios animado e/ou inanimado, bem como as escolhas de materiais (definidos pelo modelo TANDEM).

Em segundo lugar, queremos comparar a atuação dos Pais (pais e mães em conjunto) com as meninas e com os meninos nos mesmos aspetos descritos anteriormente. Por outras palavras, averiguar o efeito do género da criança nos resultados.

Por fim, queremos compreender de que forma as variáveis demográficas (e.g., idade das crianças, idade dos Pais, escolaridade dos Pais) podem afetar os resultados.

controlassem o tempo da atividade. Foram dadas instruções no sentido de utilizarem livremente as ferramentas e os materiais na construção de um produto (objeto, boneco, brinquedo,...) durante cerca de 20 minutos, sendo especialmente recomendado que se divertissem.

Procedeu-se também à recolha de imagens do produto final através de fotografia.

Participantes

Participaram neste estudo 36 díades de Pais-filhos(as), das quais 19 díades mãe-filho(a) e 17 díades pai-filho(a). Todas as crianças participantes no estudo eram primogénitos e não apresentavam problemas de desenvolvimento, a amostra era composta por 10 crianças de 3 anos; 12 de 4 anos e 14 de 5 anos. Quanto aos pais, as suas idades estavam compreendidas entre os 25 e os 45 anos (4 com menos de 30 anos; 1 com 30 anos; 22 com mais de 30 anos; 2 de 40 anos; 6 com mais de 40 anos e 1 sem informação). Os pais eram maioritariamente de nacionalidade portuguesa (31 nacionalidade portuguesa e 5 de outras nacionalidades). Relativamente ao número de filhos, 18 tinham 1 filho; 16 tinham 2 filhos e 2 tinham 3 filhos.

As famílias de classe média (classe média baixa a alta aferida pelos rendimentos e valor de pagamento da mensalidade escolar), em que apenas 4 Pais se encontravam desempregados. Verificamos que 25 Pais tinham formação académica superior, 10 tinham frequência de ensino secundário e 1 sem informação sobre a sua escolaridade. Os restantes dados demográficos são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1
Dados demográficos dos participantes do estudo

	<i>N</i>	<i>min.</i>	<i>máx.</i>	<i>M</i>	<i>dp</i>
Idade da criança	36	3	5	4.08	.806
Idade do adulto	35	25	45	36.29	5.039
Escolaridade do adulto	36	7	17	14.78	2.451
Número de irmãos	36	0	2	.58	.604
Tempo médio de brincadeira diária em minutos	32	15	60	41.88	17.949
Número de anos na escola	35	1.00	5.00	3.2571	1.37932
N válido (de lista)	30				

Cotação e aferição dos dados

No presente estudo, foram efetuados três tipos de cotação procurando analisar e classificar: i) a qualidade interativa; ii) os comportamentos verbais do adulto e iii) o produto final.

Qualidade interativa. Para avaliar a qualidade das interações foi utilizada uma escala TANDEM pontuável de 1 a 5, sendo que, a “discordo totalmente” corresponde 1 ponto; a “discordo um pouco” correspondem 2 pontos; a “concordo em parte” correspondem 3 pontos; a “concordo bastante” correspondem 4 pontos e a “concordo totalmente” correspondem 5 pontos.

O grupo de cotadores observou cada vídeo em conjunto, depois os cotadores cotaram individualmente os filmes, posteriormente as pontuações individuais foram compartilhadas e cada cotador explicou a sua decisão. Da discussão de ideias, surgia a cotação final para cada item. Dado que a cotação final foi obtida por consenso em conferência de cotadores, não é gerado o nível de acordo entre cotadores. Nesta escala são consideradas as seguintes dimensões: empatia; desafio; qualidade interativa (atenção e reciprocidade); tipo de cooperação e conteúdo da comunicação. Os itens da escala distribuídos por dimensões de análise são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 *Escala de avaliação da qualidade interativa*

Dimensão	Itens
Empatia	<p>1.1 O adulto reage às observações e emoções da criança de forma adequada e com prontidão.</p> <p>1.3 O adulto apoia a criança de forma adequada (sem intromissão indesejada nem regras).</p> <p>1.4 O adulto dá feedback positivo e respeitador.</p>
Desafio	<p>1.2 O adulto encoraja a criança a experimentar e analisar problemas desconhecidos.</p> <p>2.3 O adulto coloca perguntas que estimulam a reflexão.</p> <p>2.4 O adulto usa conceitos desconhecidos da criança.</p> <p>3.5 A criança perde o interesse durante a atividade e revela sinais de aborrecimento.</p> <p>3.6 O adulto organiza a atividade como uma situação de competição.</p>
Qualidade interativa (atenção e reciprocidade)	<p>2.1 O adulto adota as sugestões e/ou iniciativas da criança.</p> <p>2.2 O adulto espera com paciência pelas decisões da criança.</p> <p>2.8 O adulto está virado para a criança e procura o contacto visual com a mesma.</p>
Tipo de cooperação	<p>3.1 O adulto observa a criança e só participa verbalmente.</p> <p>3.2 O adulto atua ele próprio e deixa a criança observá-lo.</p> <p>3.3 O adulto e a criança seguem diferentes projetos parciais em atividades paralelas e existe uma conciliação de interesses apenas pontual.</p> <p>3.4 Ambos trabalham conjuntamente num objeto, existindo uma conciliação de interesses contínua.</p>
Conteúdo da comunicação	<p>2.5 O adulto exprime-se, principalmente, de forma objetiva, concreta e funcional sobre a atividade ou adota essa forma, se isto partir da criança.</p> <p>2.6 O adulto acompanha a atividade por meio de fantasias associativas e narrações ou adota as mesmas, se estas partirem da criança.</p> <p>2.7 O adulto tematiza a relação ou aspetos pessoais (atributos, experiências, sentimentos) ou adota os mesmos, se estes partirem da criança.</p>

Comportamentos verbais do adulto. Ocupamo-nos também do estudo das funções comunicativas dos pais, comparando os enunciados dos pais com os enunciados das mães. Para a análise e cotação do comportamento verbal do adulto

criamos as seguintes categorias: perguntas de conteúdo; perguntas de processo; sugestões; dirige; ordens; ensino; elogios/estímulo e desaprovação/comentários negativos (cf. Quadro 3).

Com base no estudo prévio de Alves e colegas (2014), contemplando não só a construção da identidade de gênero da criança, mas o seu desenvolvimento global, parece pertinente considerar, que a criança ao interagir com adultos ou com outras crianças mais competentes do que ela vai realizando tarefas por imitação ou por meio de ajuda (e.g., indicações verbais, auxílio físico), que sozinha ainda não seria capaz. Para se desenvolver ela precisa de mediadores, que são em primeiro lugar as pessoas que interagem com ela (e.g., pais ou educadores) e também dos instrumentos que estas pessoas introduzem nas relações (e.g., linguagem, objetos) (Alves, et al., 2014).

As autoras consideram ainda que a linguagem que o adulto dirige à criança, quando situada na ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) das suas competências (atuais), atua como alavanca de desenvolvimento ao permitir à criança imitar ou tentar aproximar-se de uma maior compreensão da realidade. Isto é, as prestações verbais do adulto poderão ser promotoras de desenvolvimento na criança quando possam ser por ela imitadas. A construção de conhecimentos, segundo Vygotsky (1978), emerge assim da “ação partilhada”, acontece na relação do sujeito com o objeto do conhecimento (Alves et al., 2014).

Ainda relativamente ao comportamento verbal dos adultos na interação, os pais e as mães diferem na forma como comunicam com as crianças comparativamente com os educadores e as educadoras. Os pais fazem pedidos mais diretos aos filhos independentemente do gênero da criança, enquanto as mães se socorrem da negociação, do afeto e da justificação (Power, McGrath, Hughes, & Manire, 1994).

Quadro 3

Categorias para análise do comportamento verbal do adulto

Categorias de Comportamento Verbal do Adulto	Definição	Exemplo
Perguntas de conteúdo	Perguntas em que se estabelece relação entre a atividade/produto e o conhecimento do mundo (conceitos).	“O papá tem óculos?” “O coração não é vermelho?” “Então de que cor é o coração?” “Sabes onde está o coração?”
Perguntas de processo	Perguntas em que são pedidas pistas relativamente à escolha de materiais e técnicas a utilizar no decorrer da atividade.	“Como é que vamos fazer o chapéu?” “Queres desenhar em que cor?”
Sugestões	O adulto faz propostas, aceita as escolhas da criança, não impondo a sua vontade.	“E se fizéssemos os bonequinhos de neve aqui?” “Vamos por aqui um pionés para fazer um olho?” “É melhor primeiro colares os olhos para depois saberes onde é que vais colar as patas!”
Dirige	O adulto orienta e/ou faz prevalecer as suas escolhas.	“Vamos fazer um furo, vamos buscar aqui os pioneses, vamos furar...”
Ordens	O adulto dá uma ordem à criança dirigindo o seu comportamento/ação.	“Vais colar mas é como eu te vou dizer.” “Vá corta por aqui.”
Ensino	O adulto explica, informa ou ensina algo.	“Pões assim, o papá vai-te explicar. Só uma perna ele já se aguenta em pé.” “Esta cola, cola coisinhas a quente.”
Elogios/Estímulo	O adulto faz comentários positivos valorizando o desempenho da criança e/ou o produto realizado.	“Boa!” “Muito Bem!” “Ah, que giro!”
Desaprovação/comentários negativos	O adulto faz comentários negativos relativamente ao desempenho, ao produto realizado e/ou ao comportamento da criança.	“Assim vais partir a bola!” “Então, mas a boca está torta!” “Faz lá uma boca melhorzinha!”

O *produto final*, resultante da atividade (cf. Figura 2), foi posteriormente analisado/classificado também segundo os critérios estabelecidos originalmente no estudo TANDEM (Brandes et al., 2012), tendo sido considerados: o tipo de figuração, sujeito (c/olhos) e objeto (s/olhos), bem como os componentes (número de elementos que compõem o produto final). Foram também contabilizados o número de materiais e ferramentas usadas.

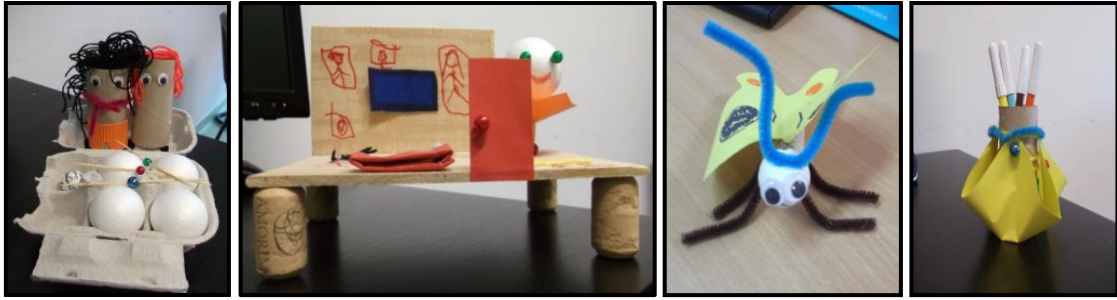


Figura 2 Produtos realizados pelas díades (sujeitos/objetos)

Análise dos dados

Os dados foram analisados com recurso a estatística descritiva e inferencial usando a versão 22 do programa SPSS. A estatística descritiva foi usada para calcular as médias e os respetivos desvios padrão dos comportamentos maternos e paternos. A estatística inferencial foi usada para calcular as diferenças de média entre pais e mães na pontuação dos itens da escala de interação e nos comportamentos de comunicação verbal. O estudo correlacional permitiu descrever a associação entre as variáveis demográficas e os comportamentos dos Pais.

Resultados

Relação entre o género dos pais e a qualidade interativa diádica, o comportamento verbal dos pais e as escolhas realizadas na tarefa

O primeiro objetivo definido para este estudo foi comparar os comportamentos maternos e paternos no que respeita a: i) a qualidade interativa dos pais quanto à empatia, atenção, reciprocidade, cooperação, elaboração/fantasia e desafio proposto avaliada através da escala de cotação TANDEM; ii) às verbalizações dirigidas à criança durante a interação (e.g., uso de sugestões, ordens, elogios, críticas); iii) os produtos realizados pelas díades mãe-filho(a) e pai-filho(a) bem como as escolhas de materiais.

No ponto *qualidade interativa diádica* e de acordo com o teste de comparação de médias (*t student*) não se verificam diferenças significativas entre pais e mães.

Em termos do *comportamento verbal*, os dados indicam que as mães, em média, realizaram mais perguntas de processo do que os pais [$t(34) = -3.841$; $p < .001$]. A média destes comportamentos adotados pelas mães foi 31.82 ($DP = 10.54$) de versus 16.31 ($DP = 9.95$) pelos pais.

Por fim, as escolhas dos pais e das mães relativamente aos materiais, também foram distintas. Os pais utilizam, em média, mais as ferramentas do que as mães [$t(34) = -1.994$; $p < .055$]. A média destes comportamentos adotados pelas mães foi de 3.94 ($DP = .85$) versus 3.11 ($DP = 1.5$) nos pais.

Atuação dos Pais de acordo com o género da criança

Tal como definido no segundo objetivo deste estudo, procuramos comparar a atuação dos Pais de acordo com o género da criança. Para o efeito recorreremos ao teste de comparação de médias (*t student*), no intuito de comparar a pontuação média obtida no grupo das meninas e dos meninos nos comportamentos interativos, verbais e na realização do produto.

Relativamente à qualidade interativa encontramos diferenças significativas na forma como os Pais interagem com as crianças em termos de desafio, empatia, e cooperação. Em média, os Pais (pais e mães analisados em conjunto) *atuam eles próprios e deixam a criança observá-los* mais com os meninos do que com as meninas [$t(34) = -2.819$; $p < .01$]. A média destes comportamentos adotados no grupo dos meninos foi de 3.5 ($DP = 1.09$) versus 2.44 ($DP = 1.15$) nas meninas. Mormente, os Pais dão mais *feedback positivo e respeitador* às meninas do que aos meninos [$t(34) = 2.214$; $p < .01$]. Por fim, os Pais reagem de modo mais adequado e pronto às

observações e emoções das meninas do que dos meninos [$t(34) = 2.898$; $p < .01$; $M = 3.5$ ($DP = 1.27$) vs $M = 2.65$ ($DP = 1.04$)].

Por seu lado, os meninos *perdem mais interesse durante a atividade e revelam mais sinais de aborrecimento* do que as meninas [$t(34) = -2.210$; $p < .05$]. A média destes comportamentos no grupo das *meninas* foi de 2.80 ($DP = 1.32$) versus 1.88 ($DP = 1.32$) nos meninos.

No que respeita ao comportamento verbal, as análises indicaram que relativamente à interação, as sugestões das meninas são em média mais adotadas pelos Pais (pais e mães analisados em conjunto) do que as sugestões dos meninos [$t(34) = -2.623$; $p < .05$]. A média de sugestões adotadas pelos Pais obtida no grupo das meninas foi de 3.47 ($DP = .84$) versus 2.53 ($DP = 1.25$) nos meninos.

Por fim, os produtos elaborados pelas meninas têm em média mais componentes do que os produtos elaborados pelos meninos [$t(34) = -3.410$; $p < .005$]. A média dos componentes no grupo das meninas foi de 3.18 ($DP = .63$) versus 1.64 ($DP = 1.54$) nos meninos.

Quando **combinamos o género dos pais com o género das crianças** verificamos que no item 2.1 *o adulto adota as sugestões e/ou iniciativas da criança*, as mães adotam mais as sugestões dos meninos [$t(34) = -2.623$ $p < .05$]. A média das sugestões aceites pelas mães no grupo das meninas foi de 3.40 ($DP = .89$) versus 4.00 ($DP = 1.31$) nos meninos. Por outro lado, as mães produzem mais componentes com as meninas [$t(34) = 2.125$ $p < .05$]. O número médio de componentes produzidos pelas mães com as meninas foi de 3.40 ($DP = .89$) versus 3.13 ($DP = 1.89$) com os meninos.

Existem diferenças quanto ao tipo de produtos elaborados pelas díades, especificamente analisando os resultados relativamente ao género da criança (cf. Quadro 4). Assim, podemos verificar que os três únicos produtos categorizados como objetos, foram realizados por meninos, as meninas apenas realizaram sujeitos ou produtos mistos, contendo sujeitos e objetos.

Quadro 4

Género da criança / tipo de produto - Tabulação cruzada

		tipo de produto			Total
		sujeito	objeto	sujeito e objeto	
Género da criança	masculino	7	3	10	20
	feminino	6	0	10	16
Total		13	3	20	36

Relação entre o tempo de brincadeira em casa e o comportamento dos pais

Neste estudo a dimensão da cooperação associou-se ao tempo médio de brincadeira dos pais com a criança. O tempo médio de brincadeira em casa correlacionou-se negativamente com o item 3.1 *o adulto observa a criança e só participa verbalmente* ($r = -.377$; $p < .05$) e correlacionou-se positivamente com o item 3.4 *ambos trabalham conjuntamente num objeto, existindo uma conciliação de interesses contínua* ($r = -.383$; $p < .05$).

Relação entre as variáveis demográficas e a qualidade interativa diádica, o comportamento verbal dos Pais e as escolhas realizadas na tarefa

Idade da Criança. A variável independente idade da criança afetou os comportamentos verbais dos Pais. Com efeito, quando comparados os Pais das crianças de 3 anos com os Pais das crianças de 5 anos verificamos (cf. Quadro 5) que em média realizam mais: i) perguntas de conteúdo [$t(14) = 2.393$; $p < .05$], ii) perguntas de processo [$t(14) = 2.891$; $p < .05$], iii) sugestões [$t(14) = 2.895$; $p < .05$] e iiiii) elogios [$t(14) = 2.318$; $p < .05$].

Quadro 5

Médias e Desvios Padrão dos comportamentos comunicativos do adulto de acordo com a idade da criança

	Idade da criança	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>dp</i>
Perguntas de conteúdo	3 anos	10	8.67	4.93
	5 anos	14	4.20	2.62
Perguntas de processo	3 anos	10	34.17	13.20
	5 anos	14	19.00	7.99
Sugestões	3 anos	10	11.67	1.97
	5 anos	14	7.30	3.34
Elogios	3 anos	10	17.33	9.35
	5 anos	14	9.71	3.81

Quando comparados com os Pais das crianças de 4 anos, os Pais das crianças de 5 anos em média (cf. Quadro 6): i) Tematizam mais a relação ou aspetos pessoais [$t(22) = 2.603$; $p < .05$], ii) Seguem mais projetos parciais em paralelo [$t(22) = 2.448$; $p < .05$], iii) Organizam mais a atividade como uma competição [$t(22) = 2.838$; $p < .05$] e iv) Trabalham menos conjuntamente existindo conciliação de interesses [$t(14) = -1.953$; $p = .57^*$, *sub-significativo].

Quadro 6

Médias e Desvios Padrão dos comportamentos interativos do adulto de acordo com a idade da criança

	Idade da criança	N	M	Dp
<i>O adulto tematiza a</i>				
<i>relação ou aspetos</i>				
<i>personais</i>	4 anos	12	3.27	.78
	5 anos	14	2.38	.87
<i>O adulto e a criança</i>				
<i>seguem diferentes</i>				
<i>projetos parciais em</i>				
<i>atividades paralelas e</i>				
<i>existe uma conciliação</i>				
<i>de interesses apenas</i>				
<i>pontual</i>	4 anos	12	3.09	.87
	5 anos	14	1.92	1.41
<i>Ambos trabalham</i>				
<i>conjuntamente num</i>				
<i>objeto existindo</i>				
<i>conciliação de interesses</i>				
<i>contínua</i>	4 anos	12	2.27	.90
	5 anos	14	3.00	.91
<i>O adulto compete com a</i>				
<i>criança durante o jogo</i>				
	4 anos	12	2.73	1.1
	5 anos	14	1.92	1.04

Escolaridade dos Pais. A escolaridade dos Pais surge como um fator com grande relevância nos resultados tanto ao nível da interação como da comunicação verbal. Em termos da qualidade da prestação interativa dos Pais, a sua escolaridade correlacionou-se positivamente com o item 2.2 *espera com paciência pelas decisões da criança* ($r=.454$; $p <.001$). Por outras palavras, os Pais com mais escolaridade tendem a esperar com mais paciência pelas decisões da criança. Adicionalmente, os Pais com mais escolaridade tendem a acompanhar a atividade por meio de fantasias associativas ($r=.402$ $p <.001$) e tendem a trabalhar conjuntamente com a criança num objeto existindo conciliação de interesses ($r=.357$; $p <.005$). Em sentido oposto, a escolaridade dos Pais correlacionou-se negativamente com os itens: i) 3.2 *atua ele próprio e deixa a criança observá-lo* ($r=-.387$; $p <.005$), ii) 3.6 *organiza a atividade como uma competição* ($r=-.377$; $p <.005$). Em termos da comunicação verbal, a escolaridade dos Pais correlacionou-se positivamente com elogios realizados pelo

adulto ($r=.479$ $p <.001$) e com aceitação de sugestões ($r=.479$ $p <.001$). Isto é, os Pais com mais anos de escolaridade tendiam a fazer mais elogios e aceitar mais as sugestões da criança.

Idade dos Pais. O fator idade dos Pais, também, influenciou o seu comportamento. Do ponto de vista da interação, verificamos que os Pais mais velhos tendiam a adotar mais as sugestões e a aceitar as iniciativas das crianças ($r=.363$; $p <.005$). Em termos da comunicação verbal, os Pais com mais idade tendiam a tecer mais comentários críticos ($r=.394$; $p <.005$). Por fim, na realização da atividade, os Pais com menos idade tendiam a usar mais materiais com a criança ($r=-.375$ $p <.005$).

Número de filhos. Esta variável correlacionou-se positivamente com o número de ferramentas usadas ($r=.443$; $p <.001$). Efetivamente, os Pais com mais filhos tendiam a usar mais ferramentas do que os Pais com menos filhos. Adicionalmente, o número de filhos correlacionou-se com a pontuação do item 2.1 *o adulto adota as sugestões e/ou iniciativas da criança* ($r=.370$; $p <.005$).

Discussão dos resultados

O presente artigo tinha como objetivo investigar as diferenças no comportamento (interação e comunicação) das mães e dos pais com seus filhos ou filhas (em idade pré escolar), durante uma atividade lúdica de construção pré-definida (em tempo e materiais). Assim como, analisar e classificar os produtos realizados pelas díades. Para o efeito, participaram 19 mães com 8 meninas e 11 meninos e 17 pais com 8 meninas e 9 meninos de três a cinco anos, que durante em 20 minutos construíram algo à sua escolha com os materiais e ferramentas disponibilizados em duas malas.

Quanto à qualidade interativa dos Pais nas dimensões: empatia, atenção, reciprocidade, cooperação, elaboração/fantasia e desafio proposto (avaliada através da escala de cotação TANDEM), não se verificaram diferenças significativas entre pais e mães. Curiosamente, estudos prévios sobre qualidade da relação mãe-filho(a) e pai-filho(a) encontram diferenças na forma de interação dos Pais com os filhos(as) (revisão em Faria et al., 2014). Esses estudos realizaram-se com objetivo de avaliar respostas afetivas e de vinculação. Contudo, no presente estudo, pese embora os materiais, ferramentas e tempo da tarefa serem predefinidos, a atividade proposta aos participantes baseava-se num momento lúdico de jogo e construção que promove e estimula a interação, cooperação e comunicação, colocando os Pais enquanto parceiros de jogo. Neste âmbito, com os mesmos materiais, espaço e objetivos, os comportamentos dos Pais tendem a aproximar-se exceto no domínio da comunicação. Relativamente às verbalizações dirigidas à criança durante a interação (e.g., uso de sugestões, ordens, elogios, críticas) não foram observadas diferenças entre pais e mães, no entanto, foram encontradas desigualdades na forma de comunicar com os filhos, sendo que as mães realizavam mais perguntas de processo que os pais. Acreditamos que esta ocorrência pode estar relacionada com a realidade quotidiana das tarefas e ações domésticas entre mães e filhos, aproximando-se do tipo de comunicação utilizada no decorrer das rotinas diárias. Com efeito, a investigação desenvolvida em Portugal indica que as mães desempenham mais estas tarefas. Relativamente à percentagem das mães que assumem totalmente sozinhas as tarefas de cuidar da criança encontramos uma prevalência de cerca de 42%, enquanto que, relativamente aos pais esse valor se situa nos 1,7% (Faria, 2015).

No estudo alemão (Brandes et al., 2012), as diferenças de comportamento entre educadores e educadoras eram moderadas pelo género das crianças. Efetivamente, o género da criança parece ser uma variável importante na investigação em geral (revisão em Faria et al., 2014), e também confirmada no nosso estudo,

afetando quer os pais e as mães separadamente, quer em conjunto. Neste sentido, as mães adotaram mais as sugestões dos meninos e produziram mais componentes com as meninas. Adicionalmente, as meninas recebem mais feedback positivo, respostas mais adequadas e prontas às suas observações e emoções e as suas opiniões são mais ouvidas do que as dos meninos. Esta ideia parece adequar-se a resultados de estudos anteriores que referem maior sincronia nas díades do mesmo género (Manlove & Vernon-Feagans, 2002), ou que as mães respondem de forma mais célere às expressões faciais das meninas (Haviland, 1977), ou ainda, que as mães estão mais disponíveis emocionalmente com as filhas (Volling et al., 2002). Os nossos resultados indicam que os meninos foram mais frequentemente remetidos para um papel de observadores e apresentam mais sinais de aborrecimento do que as meninas. Este facto, sugere a possibilidade de que a representação de género do adulto possa condicionar a sua conduta, estimulando na criança determinados comportamentos compatíveis com essa noção de género (e.g., “as meninas gostam de brincar com bonecas”).

Tal como no estudo Tandem (Brandes et al., 2012), os produtos realizados pelas díades mãe-filho(a) e pai-filho(a), classificados segundo os critérios sujeito (com olhos) e/ou objeto (sem olhos), bem como nas escolhas de materiais, os homens usaram mais ferramentas do que as mulheres (neste caso os pais relativamente às mães, enquanto no estudo alemão os educadores relativamente às educadoras). Para além dos dados estatísticos, após o visionamento de alguns vídeos, podemos constatar que parecia haver uma apetência maior para utilizar as ferramentas por parte dos pais. Foi possível observar que muitas mães não só não as escolhiam, como não as propunham e nalguns casos retiraram as ferramentas do alcance das crianças (e.g. martelo, cola quente e alicates) eventualmente com a expectativa de estarem a proteger a criança face a algum perigo. Rejeitamos, contudo, explicações simplistas de atribuição de género, pois, as mulheres tal como os homens realizam variadas tarefas utilizando ferramentas em diversas situações do seu quotidiano doméstico ou profissional.

Procuramos, igualmente, compreender de que forma as variáveis demográficas poderiam afetar os resultados. Para além do género das crianças, três variáveis afetaram significativamente os resultados: idade das crianças, número de filhos e escolaridade dos Pais.

Os resultados evidenciam que os pais adaptam o seu comportamento e a sua forma de comunicar à idade das crianças. Em sintonia com a literatura anterior, os pais em comparação com as mães, parecem fazer um esforço maior em manter um discurso oral permanente com as crianças mais pequenas, apoiando a sua tarefa e

organizando a atividade diádica através de perguntas de suporte (processo) bem como, motivando a criança através de sugestões. Noutro estudo português em média para cada 57 vocalizações das mães no mesmo período os pais, em média, desenvolviam 19 (Alves et al., 2014).

Adicionalmente, os Pais (pais e mães) realizam mais perguntas de conteúdo a crianças mais pequenas, remetendo para a possibilidade de uma maior aquisição de conhecimentos, e ajudando a perspetivar. Nesta medida, podemos colocar a hipótese de que ambos, pais e mães, relativamente à sua forma de comunicar, atuam de modo a apoiar a criança na realização da tarefa, remetendo-nos para a ideia, descrita em estudos anteriores, de que os adultos são considerados como pares mais capazes, quando adaptam a sua contribuição ao desenvolvimento da criança e oferecem oportunidades comunicativas significativas para o seu desenvolvimento (Snow, 1989, Santos, 1991).

Curiosamente no nosso estudo, os Pais com mais anos de escolaridade eram mais pacientes, aceitavam mais as sugestões dos filhos, usavam mais elogios, realizavam mais fantasias associativas para acompanhar a atividade e procuravam mais a conciliação dos seus interesses com os da criança. Em sentido oposto, a baixa escolaridade dos Pais remetia mais a criança para um papel de observador, estando os Pais mais preocupados com o produto final. Em que medida a escolaridade formal pode contribuir para a qualidade interativa entre os Pais e os filhos? Este resultado tem sido recorrentemente encontrado em amostras internacionais e nacionais, sendo que, os Pais com mais escolaridade são descritos como mais sensíveis aos sinais comportamentais da criança, mais adequados na forma de responder às necessidades dos filhos(as) e com maior probabilidade de desenvolver uma vinculação segura com os seus filhos(as) (e.g., Pederson & Moran, 1996) através da sua resposta sensível (Fuentes, Faria, Oliveira-Costa, Corval, & Figueiredo, 2009). A explicação deste fenómeno não é evidente, mais facilmente se explica a influência dos pais com mais escolaridade no desenvolvimento da criança. Com efeito, estes pais porventura são eloquentes e proficientes linguisticamente, podem ser mais informados sobre a importância de estimular o desenvolvimento ou de como prestar essas oportunidades de aprendizagem. Contudo, é menos óbvio porque é que a escolaridade das mães e dos pais suscita comportamentos mais recíprocos, positivos e cooperativos com a criança. *Podem estar eles próprios habituados a profissões com maior necessidade de realizar atividades cooperativas ou em equipa? Poderão estar mais informados sobre a relevância destes comportamentos para o desenvolvimento e bem estar da criança?*

Podem estes pais, com menos condições económicas, estar sujeitos a mais fatores de risco?

Podemos, ainda, indagar sobre o facto dos investigadores em geral e neste estudo serem pessoas com índices elevados de escolaridade podendo a pesquisa refletir de algum modo os seus códigos, e as dimensões estudadas serem consequentes do seu sentido valorativo e intersubjetivo.

Este estudo, através da sua componente mais inovadora quanto à situação experimental proposta às díades para avaliação da qualidade interativa nas suas diversas dimensões, parece indicar-nos que o carácter lúdico de jogo e construção poderá aproximar Pais e filhos conduzindo eventualmente a melhores respostas afetivas.

No estudo da vinculação, alguns autores verificaram que quando as mães assumem com maior frequência o papel de parceiro de jogo (e não apenas os cuidados aos filhos) tendem a desenvolver relações mais positivas e seguras. No nosso estudo, verificamos que as mães em estudo brincam como os pais, oferecendo as mesmas oportunidades e nesses momentos os pais são tão sensíveis como as mães. A solução pode estar em brincar!

Limitações e sugestões para futuros estudos

O presente estudo permitiu comparar os comportamentos dos pais e das mães através de um estudo observacional com 36 díades. O estudo é original ao permitir observar os Pais numa condição pouco estudada na investigação com famílias, a atividade de construção conjunta – numa conciliação de esforços para atingir um resultado (interação e produto) conjunto. Por fim, o estudo desenvolve-se em dois campos mutuamente dependentes, *as interações* e *a comunicação* embora raramente associados numa investigação. Contudo, a observação centrou-se no adulto (comportamentos e forma de comunicação), em futuros estudos importará incluir medidas de observação diádica ou centrada na criança.

Em termos de limitações, o trabalho apresenta um número de participantes relevante para uma investigação observacional (que implicou a participação de pelo menos 5 observadores), não obstante, para a generalização dos resultados seria

necessária uma amostra maior. Adicionalmente, poderia ter sido benéfico um maior controlo das díades que realizavam habitualmente este tipo de atividade.

Ao longo deste estudo, uma equipa de 10 cotadores, empenhou-se na cotação e na discussão sobre o processo de cotação. Uma reflexão contínua sobre a forma de cotar cada item e sobre cada caso que nos fez continuamente repensar os nossos objetivos e perspetivar novas linhas de estudo que incluem comparação com outras amostras (Barroso, 2015; Ferreira, 2015; Veloso, 2015), mais dimensões de análise, procurar a compreensão última do “reflexo do adulto na criança e da criança no adulto”.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D., Bell, S., & Stayton, D. (1974). Infant mother attachment and social development: "socialization" as a product reciprocal responsiveness to signals. In J. M. Richards (Ed.) *Integration of a Child into a Social World* (pp. 9-135). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ainsworth, M. D., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment – A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum Associates: New Jersey.
- Alves, M., Fuertes, M., & Sousa, O. (2014). *Comportamentos interativos mãe-filho e pai-filho aos 15 meses de vida*. Estudo exploratório apresentado no II Encontro de Mestrados em Educação, Escola Superior de Educação de Lisboa: Lisboa
- Alves, M. J., Fuertes, M., & Sousa, O. (2014). Estudo da qualidade da interação e da fala dirigida por pais e mães. *Atas do VII Encontro Nacional da Língua Portuguesa, 7*, 16-17.
- Barroso, I. (2015). *Estudo sobre as diferenças interativas e comunicativas das educadoras e das mães*. Tese de Mestrado. Tese não publicada. Escola Superior de Educação de Lisboa: Lisboa.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss* (Vol. I) London: Penguin Book.
- Brandes, H. Andra, M., Roseler, W., & Schneider-Andrich, P. (2012). Does Gender Make a Difference? *Tandem study os a pedagogical activity of female and male ECE workers*. Paper presented on the international conference "Men in early childhood education and care", Berlin 2012
- Bruner J. (1981). *The social context of language acquisition*. *Language and Communication*.1:155–178.
- Bruner, J. S. (1984). Language, mind, and reading. In H. Goelman, A. Oberg, & F. Smith (Eds.), *Awakening to literacy* (pp. 195–201). Portsmouth, NH: Heinemann.
- Bus, A. G., & van IJzendoorn, M. H. (1988). Motherchild interactions, attachment, and emergent literacy: A cross-sectional study. *Child Development, 59*, 1262-1272.

- Cabrera, N.J. Tamis-LeMonda, C.S., Bradley, R.H., Hofferth, S. & Lamb, M.E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71, 1: 127–136.
- Calmbach, M., Cremers, M., Krabel, J. (2010). A Study on the Situation of Men in Early Childhood Education. *Male Educators in Kitas*. Catholic University of Applied Social Sciences and Sinus Sociovision GmbH, Heidelberg/Berlin. Federal Ministry for Family Affairs, Senior Citizens, Women and Youth, Berlin.
- Clark, R. (1983). Reconsidering Research on Learning from Media. *Review of Educational Research*, Vol.53, NO.4. (Winter, 1983), pp.445-459.
- Clarke-Stewart, K. A. (1978). And daddy makes three: The father's impact on mother and young children. *Child Development*, 49, 466-478.
- Crawley, S. B., & Sherrod, R. B. (1984). Parent-infant play during the first year of life. *Infant Behavior and Development*, 7, 65-75.
- Faria, A., Lopes dos Santos, P., Beeghly, M., & Fuertes, M. (2015). The effects of parental sensitivity and involvement in caregiving on mother-infant and father-infant attachment in a Portuguese sample. *Journal of Family Psychology* (Epub ahead of print).
- Faria, A., Fuertes, M., Santos, P. (2014). *Pais e mães protegem, acarinhos e brincam de formas diferentes*. *Análise psicológica*, 4 (XXXII): 1-19.
- Faria, A. (2011). *Continuidade e desenvolvimento dos processos de vinculação à mãe e ao pai durante os primeiros 18 meses de vida*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e ciências da Educação da Universidade do Porto: Porto.
- Ferreira, A. (2015). *Estudo sobre as diferenças interativas e comunicativas de educadores e educadoras com crianças em idade pré escolar*. Tese de Mestrado. Tese não publicada. Escola Superior de Educação de Lisboa: Lisboa.
- Fuertes, M., Faria, A., Soares, H., & Crittenden, P. (2008). Mother-child patterns of interaction: The impact of premature birth and social economical background. *Acta Ethologica*, 12, 1, 1-11.
- Fuertes, M., Lopes dos Santos, P., Beeghly, M., & Tronick, E. (2006). More than

maternal sensitivity shapes attachment: Infant coping and temperament. *Annals New York Academy of Science*, 1094, 292-296.

Fuertes, M., Lopes-dos-Santos, P., Beeghly, M., & Tronick, E. (2009). Infant coping and maternal interactive behavior predict attachment in a Portuguese sample of healthy preterm infants. *European Psychologist*, 4, 320-331.

Fuertes, M., Faria, A., Soares, H., Oliveira-Costa, A., Corval, R., & Figueiredo, S. (2009). Dois parceiros, uma só dança: Contributo do estudo da interação mãe-filho para a Intervenção Precoce. In G. Portugal (Ed.), *Ideias, projetos e inovação no mundo das infâncias – O percurso e a presença de Joaquim Bairrão* (pp. 127- 140). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Guedeney, A., Guedeney, N. (2002). Vinculação *Conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores, 2004, 1ª ed.

Greenberg, M., Speltz, M. & DeKleyn, M. (1993). The role of attachment in the early development of disruptive behavior problems. *Development and Psychopathology*, 5, 191–213

Hart, B., & Risley, T. R. (1995). *Meaningful differences in the everyday experience of young American children*. Baltimore, MD: Brookes.

Haviland, J. (1977). Gender-related pragmatics in infants. *Journal of Communication*, 27, 80-84.

Hirsh-Pasek, K., Golinkoff, R. M., Berk, L. E., & Singer, D. G. (2009). *A mandate for playful learning in preschool: Presenting the evidence*. New York, NY: Oxford University Press.

Hoff, E. (2006). How social contexts support and shape language development. *Developmental Review* 26, 55–88.

Hoff-Ginsberg, E. (1986). Function and structure in maternal speech: Their relation to the child's development of syntax. *Developmental Psychology*, 22(2), 155–163.

Lamb, M. E. (1977). Father-infant and mother-infant interaction in the first year of life. *Child Development*, 18,167-181.

Landry, S.H, Smith, K.E., Swank, P.R. (2006). Responsive parenting: Establishing early foundations for social, communication, and independent problem-solving

skills. *Developmental Psychology*, 42(4), 627.

- Lieven, E. V. M. (1978a). Conversations between Mothers and Young Children: individual differences and their implications for the study of language learning. In N. Waterson & C. Snow (Eds.), *The Development of Communication* (pp.173-187). London: John Wiley.
- Manlove, E.E., & Verno-Feagans, L. (2002). Caring for infants, daughters and sons in dual-earner households: Maternal reports of father involvement in weekday time and tasks. *Infant and Child Development*, 11(4), 305-320.
- Meltzoff, A. (1999). Born to learn: What Infants Learn from Watching Us. IN Fox, N. & Warhol, J.G. (Eds.), *The Role of Early Experience in Infant Development*, Skillman, NJ: Pediatric Institute Publications, 1999.
- Nelson, K. (1973). *Monographs of the Society for Research in Child Development* Vol. 38, No. 1/2, Structure and Strategy in Learning to Talk (Feb. - Apr., 1973), pp. 1-135.
- Nelson, K. (1981). Vocal Communication and Vocal Learning. pp. 157-174. in Locke, John L. (1993). *The Child's Path to Spoken Language*. President and Fellows of Harvard College: United States of America.
- O'Connell, D. & Kowal, S. (2009). Transcription systems for spoken discourse. in D'hondt, S. Östman, J. and Verschueren, J.(2009). *The Pragmatics of Interaction* (240-254). Jonh Benjamins Publishing.
- Olsen-Fulero, L. (1982). Style and stability in mother conversational behavior: a study of individual differences. *Journal of Child language*. Vol.9. issue. 03. pp. 543-564. Cambridge University Press 1982.
- Pederson, D.R., & Moran, G. (1996). Expressions of the attachment relationship outside of the strange situation. *Child Development*, 67, 915-927 .
- Power, T. G., McGrath, M. P., Hughes, S. O., & Manire, S. H. (1994). Compliance and self-assertion: Young children's responses to mothers versus fathers. *Developmental Psychology*, 30, 980-989.
- Rabouam, C. (2002). Avaliação da Vinculação no bebé. Pp 89- 99 in Guedeney, A., Guedeney, N. (2002). *Vinculação Conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores, 2004, 1ª ed.
- Santos, A. A. A. (1991). Desempenho em leitura: um estudo diagnóstico da

compreensão e hábitos de leitura em universitários. *Estudos de Psicologia-PUC-Campinas*, 8 (1), 6-19.

Santos, J. (1991). *Ensaio sobre Educação – II. O Falar das Letras*. Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 1991, 2ª ed.

Snow, M. E., Jacklin, C., & Maccoby, E. E. (1983). Sex-of-child differences in father-child interaction at one year of age. *Child Development*, 54, 227-232.

Snow, K.E. (1989). Understanding social interaction and language acquisition: sentences are not enough. Pp83-102 in Bornstein, M.H., Bruner, J.(1989). *Interaction in human development*. LEA.

Snow C, Burns M, Griffin P. (1998). *Preventing reading difficulties in young children*. Washington D.C: National Academy Press.

Tamis-LeMonda, C. S., Song, L., Leavell Smith, A., Kahana Kalman, R., & Yoshikawa, H. (2012). Ethnic Differences in Mother-Infant Language and Gestural Communications are Associated with Specific Skills in Infants. *Developmental Science*, 15 (3), pp. 384-397.

Veloso, C. (2015). *Estudo sobre as diferenças interativas e comunicativas dos educadores e dos pais com crianças em idade pré escolar*. Tese de Mestrado. Tese não publicada. Escola Superior de Educação de Lisboa: Lisboa.

Veneziano, E. (2014). Interactions langagières, échanges conversationnels et acquisition du langage. *Contraste*, 39, 1, 31-49.

Volling, B. L., McElwain, N. L., Notaro, P. C., & Herrea, C. (2002). Parents' emotions availability and infant emotional competence: Predictors of parent-infant attachment and emerging self-regulation. *Journal of Family Psychology*, 16, 447-465.

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in Society*. The development of higher psychological processes Cambridge, Mass.: Harvard University Press.